



## **Casa de Sementes Crioulas Tengatui Marangatu: Uma estratégia para a segurança e soberania alimentar para as comunidades indígenas de etnia Guarani-Kaiowá de Dourados MS**

*Tengatui Marangatu Creole Seed House: A strategy for food security and sovereignty for indigenous Guarani-Kaiowá ethnic communities in Dourados MS*

Zefa Valdivina Pereira<sup>1</sup>; Andreia Sangalli<sup>1</sup>; Julio Cesar Pereira Lobtchenko<sup>2</sup>; Larissa Oliveira Vilela<sup>3</sup>; Cajetano Vera<sup>4</sup>; Nelson Ávila da Silva<sup>5</sup>; Maikely Larissa Bormann Maciel dos Santos<sup>6</sup>; Shaline Séfara Lopes Fernandes<sup>7</sup>

<sup>1</sup>Docente Universidade Federal da Grande Dourados, zefapereira@ufgd.edu.br, andreiasangalli@ufgd.edu.br; <sup>2</sup>Docente Instituto Federal – Campus Naviraí, lobtchenko\_jc@hotmail.com; <sup>3</sup>Discente do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologia Ambiental FACET/UFGD, olivilela@gmail.com; <sup>4</sup>Docente da Escola Municipal Indígena Tengatui Marangatu, cajetanoverad@gmail.com; <sup>5</sup> Bolsista ATP A CNPQ; <sup>6</sup>Discente do Curso de Medicina Veterinária-Faculdades Anhanguera Dourados, maikelybormann@hotmail.com; <sup>7</sup> Docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - Campus de Cassilândia, shaline\_sefara@hotmail.com

### **Resumo**

A proposta do desenvolvimento da casa de sementes, busca promover o empoderamento das famílias e comunidade indígena pelo resgate de espécies importantes de sementes que, além de gerar autonomia aos agricultores e agricultoras, promovem a retomada do equilíbrio ambiental e o resgate da biodiversidade, o que é de grande valor para o fortalecimento da agricultura agroecológica. Além disso, é uma excelente estratégia para melhorar a autoestima desta comunidade uma vez que essas sementes representam parte de um patrimônio genético e cultural dos Guarani-Kaiowá. Este trabalho objetiva proporcionar a Comunidade Indígena de Dourados o resgate da antiga prática de produzir alimentos através do uso de sementes crioulas, e ampliar o protagonismo das mulheres e dos jovens neste arranjo produtivo. Para isso estão sendo realizadas várias atividades como a de resgate das espécies crioulas, produção e armazenamento dessas espécies, criação de um banco comunitário de semente, cursos e oficinas e feiras de trocas de sementes e saberes. Esta tecnologia social tem promovido a independência da comunidade no tocante as sementes para o plantio; promovendo dessa forma a segurança e a soberania alimentar.

**Palavras Chaves:** Comunidades tradicionais, Sementes crioulas, Segurança e soberania alimentar, Agroecologia

### **Abstract**

*indigenous community for the rescue of important seed species that, in addition to generating autonomy for farmers, promote the resumption of environmental balance and the recovery of biodiversity, which is of great value for strengthening agro-ecological agriculture. In addition, it is an excellent strategy to*



*improve the self-esteem of this community since these seeds represent part of a genetic and cultural heritage of the Guarani – Kaiowá. This work aims to provide the Dourados Indigenous Community with the rescue of the old practice of producing food through the use of Creole seeds. And to expand the role of women and young people in this productive arrangement. For this purpose, various activities are being carried out, such as the rescue of Creole species, production and storage of these species, the creation of a community seed bank, courses and workshops and fairs for exchanging seeds and knowledge. This social technology has promoted the independence of the community with regard to seeds for planting; thereby promoting food security and sovereignty.*

**Keywords:** *Traditional communities, Creole seeds, Food security and sovereignty, Agroecology*

## **Introdução**

As sementes crioulas chegaram até os nossos dias pela prática da agricultura tradicional realizadas pelos agricultores e populações indígenas, que conservaram, selecionaram, melhoraram e trocaram sementes entre si. Graças ao potencial dessas sementes, de se adaptarem à diversas condições ambientais, e passando por forte seleção natural, os indivíduos mais vigorosos conseguiram ser propagados e se mantiveram ao longo das gerações futuras. As sementes crioulas oferecem mais um benefício ao agricultor, pois as mesmas podem ser armazenadas para serem reutilizadas nas safras posteriores, tornando desnecessário ao produtor a aquisição de sementes comercializadas por firmas particulares, tendo em vista que essas sementes são perecíveis tornando impossível o seu armazenamento por mais de um ano (PALÁCIO FILHO et al., 2011).

Contudo, o processo de modernização da agricultura introduziu insumos agrícolas e sementes híbridas, que foram incorporadas como práticas modernas para a agricultura no início dos anos 70 com mais intensidade. A utilização das sementes híbridas promoveu uma drástica redução das variedades tradicionais, fazendo com que estas praticamente desaparecessem da região causando o que é chamado de erosão genética. A utilização das sementes melhoradas gerou uma dependência dos agricultores, obrigando-os a adquirir todos os anos no mercado, sementes para fazer as lavouras (CORDEIRO et al, 1993). Essa dependência tem promovido redução na segurança alimentar e na qualidade da alimentação dos agricultores, pois desestabiliza a autonomia das famílias e das comunidades.

As comunidades indígenas não ficaram de fora deste processo. Atualmente há uma grande dependência da FUNAI para a aquisição de sementes e na maioria das vezes a distribuição acontece após a época de semeadura. Outro fator impactante na agricultura indígena é que muitas das sementes distribuídas também em sua maioria não fazem parte do cotidiano alimentar e produtivo da comunidade, não havendo interesse em cultivá-las, sendo estas sementes descartadas.

Além da perda das sementes crioulas locais, o modelo de desenvolvimento atual promoveu profundas modificações na populações indígenas Guarani-kaiowá e estas foram fragmentadas



e confinadas a espaços extremamente exíguos. Esse processo de expropriação territorial e confinamento impuseram profundas limitações à sua economia, bem como o esgotamento dos recursos naturais, a desvalorização cultural e a perda de sua identidade (BRAND, 2007). A apropriação, por parte dos colonizadores, dos territórios indígenas, assim como a consequente exploração de suas riquezas naturais, caracterizou-se como um processo de forte homogeneização cultural e de crescente comprometimento da diversidade ambiental (BRAND, 2007) que se traduziu, inevitavelmente, no desaparecimento de inúmeros povos indígenas.

Como consequência desse longo processo histórico de expropriação territorial e desestruturação sociocultural, parte da subsistência das famílias é garantida com o trabalho assalariado dos homens, principalmente nas usinas de produção de açúcar e álcool, enquanto crescem os índices de desnutrição infantil e de suicídio entre os jovens. Os Kaiowá e Guarani manifestam, atualmente, uma forte dependência de ações emergenciais, sobretudo com relação à provisão de alimentos e de assistência médica, seja de forma oficial, seja por ações voluntárias a partir de mobilização de setores da sociedade civil (BRAND, 2007).

Não ocorreu diferente no município de Dourados, quando em 1917, através do Decreto Estadual nº 401, foi criada a Reserva Indígena de Dourados (RID), constituída pelas Aldeias Bororó e Jaguapirú. O título definitivo da área, legalizada como patrimônio da União, foi emitido em 1965 (MONTEIRO, 2003), com uma área de 3.474 ha. Neste espaço vivem hoje mais de 15.000 pessoas (FUNAI, 2018), cerca de 18% da população indígena do estado. Esse grande contingente populacional levou ao esgotamento dos recursos naturais essenciais para a sua sobrevivência a partir da perspectiva histórica cultural indígena de forma que inviabilizam a realização da sua reprodução social, mística e cultural, uma vez que, sua relação com o território encontra-se fragilizada (SANTANA JUNIOR, 2010).

Diversas situações contribuíram para ampliar os impasses para a convivência da população aglomerada na reserva, o que se expressa no agravamento de problemas sociais como a violência, droga, álcool, miséria, conflitos internos, desnutrição infantil e mesmo em frequentes surtos epidêmicos de suicídios.

Uma forma de amenizar esta situação é melhorar a autoestima desta comunidade, bem como possibilidades de melhorar a alimentação e garantir que as características culturais agrícolas ainda presentes sejam preservadas. Nesse viés, o resgate das sementes crioulas pode ser uma excelente estratégia uma vez que representam parte de um patrimônio genético e cultural dos Guarani-Kaiowá, fundamentais para a conservação *in situ* dos recursos e da agrobiodiversidade. As sementes são consideradas recursos básicos e relevantes para autonomia, segurança alimentar e nutricional, necessárias para permanência do homem no campo com a diversificação produtiva (ARAÚJO et al., 2013).

Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo proporcionar a Comunidade Indígena de Dourados o resgate da antiga prática de produzir alimentos através do uso de sementes crioulas e ampliar o protagonismo das mulheres e dos jovens neste arranjo produtivo.



## Descrição da Experiência

A reserva Indígena de Dourados tem seus limites territoriais juntos aos limites do perímetro urbano do município de Dourados, MS, ficando a norte da cidade (Figura 1). A sua composição étnica é composta por três etnias: Caiuás (Kaiowá), Guarani (Ñandeva) e os Terena, divididas em duas aldeias: a Bororó e a Jaguapirú. Possui solos considerados nobres para a prática da agricultura, com predomínio de Latossolo Vermelho (antigo Latossolo Roxo), de textura muito argilosa e relevo plano a suave ondulado. O grande contingente populacional, distribuído nas duas aldeias, configuram uma densidade demográfica de mais de quatro habitantes por hectare, em uma área totalmente degradada, impossibilitando qualquer atividade tradicional.

O arrendamento das terras indígenas é uma prática frequente entre os indígenas, que em sua maioria arrendam suas terras para fazendeiros da região ou para outros índios, excluindo ainda mais parcelas da população ao acesso à terra, que já é insuficiente, além de expandir ainda mais a monocultura, basicamente da soja, no interior da RID. Brand (1993) destaca: No ciclo da soja, os problemas de terra deslocam-se para o interior da Reserva [...] provocou concentração da já pouca terra dentro da Reserva [...] então, além do loteamento imposto, instaura-se uma disputa por lotes cada vez maiores por parte dos índios que adotam a mecanização.

A escassez de recursos naturais; a proximidade com a cidade; o elevado quadro de miséria; e as dificuldades enfrentadas pelos indígenas para sobreviverem fizeram com que a RID fosse considerada pelo Governo Federal desde a década de 1990 como umas das áreas indígenas mais problemáticas do país devido ao registro de inúmeros casos de suicídios, motivados em sua maioria pela perda da perspectiva de vida no interior da reserva.

Desta época para cá nada mudou e pelo contrário, ampliaram-se os casos de suicídios e a miséria, de forma, que se intensificaram ações para o interior da reserva, sobretudo por parte do poder público local no intuito de recuperar a perspectiva de vida dessa população.

Com vistas a redimir os fatores de destruição da RID e contribuir para a melhoria da autoestima desta comunidade, foi proposta, através do Edital N° 36/2018 do CNPq- Tecnologia sociais, a criação do Banco Comunitário de Sementes Crioulas, promovendo:

- o reavivamento da antiga prática de produzir alimentos através do uso de sementes crioulas, além da recuperação e multiplicação das sementes crioulas locais;
- a ampliação da participação das mulheres e dos jovens nos arranjos produtivos indígenas.
- a produção agroecológica, gerando segurança e soberania alimentar e renda com vista a ampliar o protagonismo dos jovens e mulheres indígenas na economia rural da região da Grande Dourados;



- apoio às famílias, sobretudo as mais vulneráveis, a produzirem seus alimentos sem dependência da compra de sementes e utilizando-se dos princípios da agricultura de base ecológica.

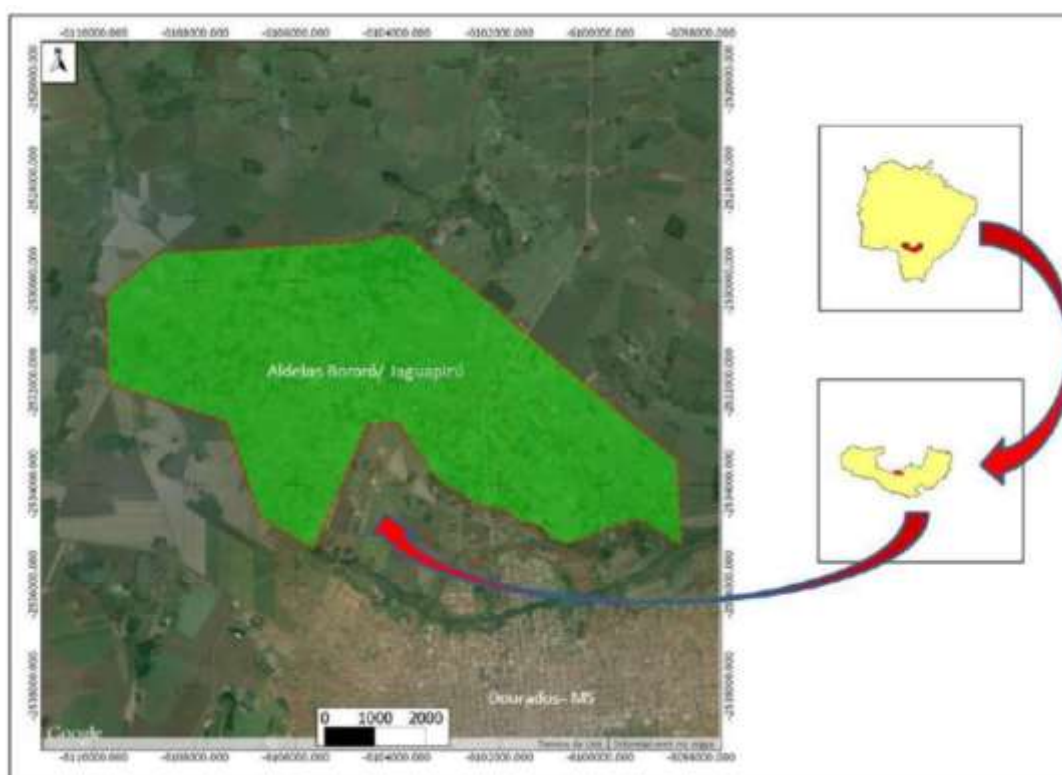


FIGURA 1. Localização da Aldeia de Dourados (Fonte: SOARES & PEREIRA, 2015).

O projeto teve início em Janeiro de 2019 e contou com a participação de 30 famílias as quais receberam as sementes ou mudas (Figura 2) de feijões, milho, amendoim, arroz, batatas, mandiocas, carás, inhames entre outras bem como, assistência técnica para a produção orgânica das sementes e tubérculos. Estas sementes têm promovido a independência do mercado de insumos e órgãos governamentais nessas famílias.



FIGURA 2. Entrega das sementes crioulas para a comunidade indígena.

Embora de forma tímida, as sementes crioulas ainda estão presentes nos dias atuais, devido ao uso das práticas agrícolas indígenas, os quais cultivavam alimentos como milho, mandioca, batata, feijão, banana, cana, cará e muitos outros, colaborando para manter a cultura e seus hábitos alimentares. Dentre as comidas típicas preparadas a partir destas plantas destacam-se: a *chicha* (bebida feita a partir do milho), o *mbaipy* (tipo de polenta), o *locro* (milho



acompanhado com carne de caça), o *vorivori* (bolinho cozido), a *chipa* (bolo assado na cinza quente).

A partir das ações do projeto foi possível constatar o resgate do controle comunitário sobre as sementes tradicionais contribuindo para a reconstituição da identidade social, fortalecimento e revalorização das práticas culturais, além da promoção do empoderamento das comunidades na busca de maior autonomia e soberania alimentar.

Em novembro de 2019 foi inaugurada na escola *Tengatui Marangatu*, na aldeia Jaguapiru, a Casa de Sementes (Figura 3). Essa iniciativa proporcionou uma aproximação do projeto com os mestres tradicionais, que até então desacreditavam no projeto, tendo em vista que utilizavam-se de outros métodos para armazenar as sementes.

A casa de sementes representa uma tecnologia social de extrema importância para as comunidades indígenas, pois a semente é um dos insumos de maior relevância na agricultura, constituindo-se em fator determinante do sucesso ou fracasso dos cultivos. As sementes de variedades locais são consideradas como componentes da agrobiodiversidade, por constituírem inestimável valor para as populações tradicionais, além de fortalecer e elevar a biodiversidade, colabora com a preservação e valoriza o que ainda resta em termos de recursos naturais (CATÃO et al., 2010).

Outro aspecto importante consiste na autonomia das comunidades indígenas, que pode coletar/armazenar as sementes destas variedades e replantá-las no ano seguinte, adquirindo maior independência do mercado de insumos e órgãos governamentais, gerando um material que, com toda sua variabilidade genética, se torna cada vez mais vigoroso e adaptado ao seu tipo de solo e clima, sendo também uma alternativa para a melhoria da qualidade de vida (VASCONCELOS et al., 2011).

As agricultoras indígenas, integrantes da Casa de Sementes, encontram nas sementes crioulas uma estratégia para manter a qualidade de vida de sua família, pois produzem alimentos orgânicos e mais saudáveis em relação aos convencionais, cumprindo um dos papéis da agricultura familiar, que é a de promover uma alimentação segura para seus familiares.

É também fundamental ressaltar o papel que as mulheres assumem enquanto guardiãs das sementes crioulas, participando de todos os processos produtivos, permitindo assim a sua conservação e perpetuação até os dias atuais, possibilitando que este patrimônio genético não se perca ao longo dos anos.

Vale destacar que a comunidade tem demonstrado bastante motivação, uma vez que revaloriza seus conhecimentos e suas práticas tradicionais. Além disso, estão tendo a possibilidade de recuperar o patrimônio genético e as práticas culturais adormecidas e subvalorizadas, pelo modelo de produção capitalista que estão direta e indiretamente inseridos no território indígena.



FIGURA 3. Inauguração da Casa de Sementes *Tengatui Marangatu*

Além da casa de sementes o projeto previa cursos e oficinas sobre produção agroecológica (Figura 4 e 5), tendo em vista que a monocultura é uma atividade muito forte na aldeia, pois muitos arrendam suas terras para ao agronegócio.





FIGURA 3. Formação em Agroecologia com as mulheres indígenas da Aldeia de Dourados.



FIGURA 4. Curso de beneficiamento de sementes na comunidade indígena da Aldeia de Dourados.



O projeto assume um papel importantíssimo na valorização do saber popular, repassado de geração a geração e são considerados estratégicos em relação ao uso de sementes transgênicas que, além de gerar dependência, provocam uma ruptura em relação ao saber popular. Vale destacar que a comunidade tem demonstrado bastante motivação, uma vez que revaloriza seus conhecimentos e suas práticas tradicionais. Além disso, conseguem novamente o patrimônio genético o qual haviam perdido

As famílias atendidas estão bastante satisfeitas uma vez que estas têm resgatado a tradição de fazer roça, promovendo assim a segurança alimentar de sua família (Figura 5). O excedente produzido é comercializado em uma feira semanal criada pelo grupo (Figura 6) e essa prática contribuiu para promover a geração de renda extra para os integrantes do projeto, o que tem melhorado ainda mais a autoestima da comunidade indígena.

Cabe mencionar que a Casa de Sementes Tengatui Marangatu da Aldeia de Dourados tem contribuído para conservação das variedades tradicionais resgatadas o que permite à comunidade o acesso a diversidade e a preservação de sementes tradicionais, altamente adaptadas às condições locais e de alto valor sociocultural para as comunidades, culminando com a preservação e a valorização do espaço rural, promovendo o empoderamento das famílias indígenas pelo resgate de espécies importantes de sementes que, além de gerar autonomia, promovem a retomada do equilíbrio ambiental e o resgate da biodiversidade, o que é de grande valor para o fortalecimento da agricultura agroecológica.



FIGURA 5. Roças e hortas produzidas pelas famílias integrantes da Casa de Sementes Tengatui Marangatu na Aldeia de Dourados.



FIGURA 6. Feira Agroecológica promovida pelas famílias integrantes da Casa de Sementes Tengatui Marangatu da Aldeia de Dourados.

## Conclusões

O projeto desenvolvido na aldeia contribui para com a preservação dos hábitos, costumes e tradições alimentares que colaboram com a qualidade de vida dessa comunidade. Observa-se também a manutenção do acervo genético das sementes crioulas decorrentes das práticas conservacionistas garantindo assim a perpetuação dos valores culturais e biológicos para as futuras gerações.

A presença da Casa de Semente no mesmo espaço da Escola Municipal Tengatui Marangatu é um marco histórico e abre um leque de possibilidades de integração das práticas agrícolas tradicionais ao ensino escolar indígena. A possibilidade de trabalhar as sementes crioulas com os estudantes nas diversas etapas escolares, trazem a esperança de que as crianças/adolescentes do presente e, agricultores familiares do futuro, terão maior chance de garantir a autonomia de seu território, tendo possibilidades de escolher os alimentos e práticas agrícolas que promoverão maior segurança alimentar, bem como fartura na produção de alimentos e a reafirmação e respeito às suas práticas culturais.



## Agradecimentos

Ao CNPQ pelo apoio financeiro Processo N° 4412918/2018-6.

## Referências

ALTIERE, M. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. Guaíba, RS: Agropecuária, 2002. 592 p.

ARAÚJO, S. L.; MORAIS, R. C.; MORAIS, R.; NUNES, F. R.; COSTA, C.; SANTOS, M. S.. Guardiões e guardiãs da agrobiodiversidade nas regiões do Cariri, Curimataú e Seridó Paraibano. *Cadernos Agroecológicos*, v.8, n.2, p.1-5, 2013

BRAND, A. *Povos indígenas na região do Pantanal e do Cerrado: desenvolvimento participativo, universidades e pesquisa-ação*. Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande. 2007. 15p.

BRAND, A. *O confinamento e seu impacto sobre os Pai/Kaiowá*. 1993. Dissertação (Mestrado História) – Pontifca Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.

BRASIL. *Lei de sementes*: Lei n. 10.711 de 5 de agosto de 2003.

CATÃO, H.C.R.M. et al. Qualidade física, fisiológica e sanitária de sementes de milho crioulo produzidas no norte de Minas Gerais. *Ciência Rural*, v.40, n.10, p.2060-2066, 2010.

CORDEIRO, A. FARIA A. A. *Gestão de bancos de sementes comunitários*. Rio de Janeiro. AS-PTA, 1993.

MONTEIRO, M. E. B. Levantamento histórico sobre os índios Guarani Kaiwá. Rio de Janeiro: *Museu do Índio*, 2003.

PALÁCIO FILHO, A.M. et al., Oficinas sobre uso de sementes crioulas – Incentivo para produção Agroecológica na região do Agreste Meridional de Pernambuco. *Resumos* do VII Congresso Brasileiro de Agroecologia – Fortaleza/CE – 12 a 16/12/2011.

SANTANA JUNIOR, J.R. Produção e reprodução indígena: o vir e o porvir na reserva de Dourados/MS. *Campo-Território: revista de geografia agrária*, v. 5, n. 9, p. 203-236, 2010.

SOARES, J.A.B, & PEREIRA, J. G Diagnóstico ambiental da reserva indígena de Dourados-MS, *Anais*. VI Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental Porto Alegre/RS – 23 a 26/11/2015.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1988.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do 1º Congresso Online Internacional de Sementes Crioulas e Agrobiodiversidade - Dourados, Mato Grosso do Sul- v. 15, nº. 4, 2020.



VASCONCELOS, J.M.G. et al. Casas de sementes comunitárias: estratégias de sustentabilidade alimentar e preservação da biodiversidade no semi-árido cearense. *Cadernos de Agroecologia*, v. 6, n. 2, 2011.